

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Escola de Educação Física
Seminário de Monografia II

Identidade Gaúcha, Jogo da Tava e lazer no CTG Seiva Nativa.

Rose Bergmann Goulart

Porto Alegre,
novembro de 2009

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Escola de Educação Física
Seminário de Monografia II**

Identidade Gaúcha, Jogo da Tava e lazer no CTG Seiva Nativa.

Rose Bergmann Goulart

Orientador: Prof. Dr. Marco Paulo Stigger

Co-orientadora: Doutoranda Ileana Wenez

Monografia apresentada para
Conclusão de Curso da Escola
Superior de Educação Física da
Universidade Federal do Rio Grande
do Sul, requisito para colação de grau
em licenciatura em Educação Física.

Porto Alegre
Novembro de 2009

Lista de Figuras

Figura 1 – Mapa situacional da sede do CTG	17
Figura 2 – Fachada do galpão do Seiva Nativa.....	17
Figura 3 – Palco do galpão do Seiva.....	19
Figura 4 – Bolicho.....	19
Figura 5 – Cozinha e churrasqueira.....	19
Figura 6 – Galpão do Seiva Nativa, Semana Farroupilha, 2009.....	22
Figura 7 – Escola lanchando no galpão do Seiva, 2008.....	24
Figura 8 – Baile no Seiva.....	25
Figura 9 – Jogando truco.....	26
Figura 10 – Cancha bocha campeira.....	28
Figura 11 – Cancha de Tava, Semana Farroupilha Canoas 2009.....	31
Figura 12 – Posição suerte.....	32
Figura 13 – Posição culo.....	32
Figura 14 – Posição culo-clavado.....	32
Figura 15 – Posição güeso.....	32
Figura 16 – Posição 31 ou touro.....	32
Figura 17 – Equipe de Tava do Seiva, Semana Farroupilha 2009.....	33
Figura 18 – Posição para arremesso da Tava.....	36

Sumário

1 – Introdução.....	5
2 – Metodologia	9
3 – Identidade Gaúcha – CTG e MTG.....	13
4 – CTG Seiva Nativa	17
4.1 – As Invernadas Artísticas - danças	22
4.2 – O Jogo de Truco	25
4.3 – A Bocha Campeira	27
5 – Sobre o Jogo da Tava	29
5.1 – Posições da Tava no solo	35
5.2 – Espécies de arremessos	36
6 – Considerações Finais	37
Referências	39
Anexo A – Regulamento do MTG para os Esportes.....	41
Anexo B – Roteiro das entrevistas	43
Anexo C – Transcrição de uma das entrevista.....	45
Anexo D – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	55
Anexo E – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido Assinado.....	56

Resumo

Nos dias de hoje a procura por práticas de lazer vem crescendo de forma acentuada, e observa-se que o lazer tem sido tema de diversos estudos na área da Educação Física. Neste trabalho procuro estabelecer relações entre identidade cultural e atividades de lazer para os integrantes do Centro Tradicionalista Seiva Nativa. Faço isso tentando compreender como eles vivenciam essa identidade, articulada aos significados que atribuem às atividades de lazer das quais participam nesse local. Esse grupo de pessoas costuma se reunir nos finais de semana para realizar atividades que estão diretamente ligadas à cultura tradicionalista rio-grandense, como rodas de chimarrão, churrascos, jantares campeiros e práticas corporais como bailes com danças de fandango, invernadas artísticas, jogos de truco, de bocha campeira e jogo da tava. Esse grupo é composto por pessoas de todas as idades e de vidas bastante distintas, e para observar uma melhor compreensão das relações lá existentes, senti necessidade de, além das observações, participar de algumas das atividades juntamente com os membros do Seiva, estabelecendo um contato direto com o grupo estudado, e optando assim pela etnografia como metodologia para a pesquisa. Partindo disso, se fez necessário discussões relevantes a cerca de lazer, cultura e identidade, para dessa forma fazer tais relações neste universo. Foi possível identificar que além de um importante local de lazer, o Seiva Nativa se caracteriza em um espaço onde seus integrantes podem vivenciar sua cultura, um local onde suas identidades e seus valores ganham destaque.

Palavras-chave: Lazer, identidade gaúcha e jogo da tava.

1- Introdução

Nos dias de hoje a procura por práticas de lazer vem crescendo de forma acentuada. Devido às grandes cargas de trabalho e ao excesso de agitação dos centros urbanos, as pessoas estão cada vez mais procurando por locais onde se sintam à vontade, com grupos de amigos e familiares, entre outros. A importância da socialização e do lazer para a população é tamanha que o “mercado do lazer” tem sido uma fonte de investimentos por parte de poderes públicos e privados, e por essa razão os estudos relacionados a essas práticas vêm crescendo cada vez mais. Os espaços urbanos se configuram muitas vezes como locais de sociabilidade para diferentes camadas da sociedade. Em razão disso, tenho um particular interesse em estudar esses fatos para obter uma maior compreensão das atividades realizadas em tempo livre, por diferentes grupos sociais, a partir de um olhar da cultura desses mesmos grupos.

O surgimento do lazer nos remete ao período da Revolução Industrial, sendo uma conquista do movimento operário da época. Nesse período, os trabalhadores não tinham descanso em sua jornada de trabalho. O tempo livre foi sendo conquistado gradativamente na história do capitalismo, até chegar a se constituir num direito inalienável dos trabalhadores. E o lazer é, prioritariamente, uma atividade realizada no tempo livre. Considerando tempo livre aquele que sobra para um indivíduo, diminuindo o tempo de trabalho e o tempo das necessidades básicas vitais de seu tempo total. E é exatamente neste tempo livre que as pessoas têm seu momento de lazer, onde aproveitam para realizar alguma atividade lúdica (divertir-se, entreter-se).

Elias e Dunning por sua vez e afastando-se da tradição dicotômica, entendem o lazer como um tipo de atividade que se insere no tempo livre, colocando o indivíduo como transformador da sua realidade, este, enquanto sujeito social pode dotar de sentido a atividade de lazer e aproximá-la da busca da excitação ou do prazer. Para os autores o lazer, está intimamente ligado às dimensões culturais e podem ser estudadas através de ações pontuais como, por exemplo, atividades recreativas (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 112).

No campo do lazer existem diversos focos de pesquisa, dentre as quais há a constatação de que as práticas nesses momentos são diferenciadas de acordo com o grupo em que estão inseridas, ou seja, o lazer está relacionado com o

ambiente sócio-cultural da população, e é nesse aspecto que desenvolvo o estudo. Pela compreensão desse universo particular onde as preferências, o modo de relacionarem-se, as idéias partilhadas e a maneira de preservar as tradições sejam analisadas por um olhar que privilegie a cultura em que esses indivíduos estão inseridos.

Já nos primeiros textos sobre lazer existe a relação com a cultura, por isso, muitas das atividades designadas como lazer passam por manifestações culturais. Podemos exemplificá-los como os vários tipos de jogos, brincadeiras, etc., não há dúvidas, são lazeres e fazem parte da herança cultural de cada comunidade ou sociedade. O lazer é uma atividade social historicamente condicionada pelas condições de vida material e pelo capital cultural, que constitui sujeitos e coletividades. O lazer não pode ser definido por determinadas práticas, não há uma lista de atividades praticadas as quais podemos chamar de lazer e que seja comum a todos os grupos que o praticam. A única maneira de definir e compreender o que está sendo praticado por um grupo é estudá-lo e atribuir definições somente aquele grupo, sem fazer qualquer tipo de generalização.

Assim, o lazer aqui definido como popular não é aquele que permanece inalterado pelo tempo, mas o que preserva e incentiva a socialização espontânea e a formação coletiva da identidade do grupo. Portanto, as práticas de lazeres populares, como as festas tradicionais populares, são formas de lazer que representam as práticas coletivas de convivência e símbolos de uma comunidade, um apelo ao passado. As várias formas de atividades de lazer são plenamente reais e significativas para todas as sociedades contemporâneas.

A cultura segundo Geertz (1989) é pensada como sistema simbólico, claramente possível pelo isolamento histórico de grupos humanos, expressa as relações próprias da comunidade, passando por gerações identificadas por sua ideologia, crenças, expressões, formas de ser e estar. O autor escreve ainda que a cultura é um conjunto de símbolos significativos que organizam a vida dos grupos sociais, onde ela não deve ser considerada como um complexo de comportamentos concretos, mas sim como um conjunto de mecanismos de controle para governar os comportamentos.

Ela integra-se nos diversos mecanismos sociais que passam pelo universo simbólico-espacial do agente, no qual o corpo tem um papel determinante como filtro de percepção cultural. Na formação do universo cultural têm-se diferentes níveis de

compreensão, seja nas formas de integrar-se aos outros, nas diversas formas de aprendizagem ou na influência do meio ambiente.

Cada região é internamente homogênea, com interesses comuns. “O regionalismo aponta para as diferenças que existem entre as regiões e utiliza essas diferenças na construção de identidades próprias” (OLIVEN, 1992, p. 16), onde as identidades são construções formuladas a partir de diferenças reais ou inventadas que operam como sinais que conferem uma marca de distinção sendo indispensável como ponto de referência. Nas palavras do autor “antigas tradições reais ou inventadas – precisam ser invocadas para dar fundamento ‘natural’ às identidades em vias de criação –” (OLIVEN, 1991).

Sendo tradição um conjunto de orientações invariáveis e pela referência a um passado, construída pela memória coletiva de uma sociedade (HALBWACHS, apud OLIVEN, 1992, p. 19 - 22), os tradicionalistas se constituem um movimento organizado e atento a tudo que diz respeito aos bens simbólicos do estado sobre os quais procuram exercer seu controle e orientação. Através da repetição de costumes, como no caso do gaúcho o chimarrão, o churrasco, as danças de fandango, entre outros, e assim manterem viva a cultura de seu estado. Para os tradicionalistas do Rio Grande do Sul, o tipo representativo do gaúcho está fundamentado em uma figura idealizada ou real de um indivíduo que teria existido no passado nos pampas, na região da campanha, na parte sudoeste do estado.

Cultuando a cultura, mas também como atividade realizada no tempo livre, o Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG) também vem crescendo de forma significativa em nosso estado, juntamente com as festividades comemorativas da semana Farroupilha. Seguindo essa linha, a coleta de dados para essa investigação se vincula ao objetivo de estudar um grupo de pessoas que participem destas atividades dentro de um local específico, o CTG Seiva Nativa, local onde são preservadas as tradições deste povo.

Considero que o tradicionalismo sul-riograndense deve ser estudado de uma forma mais significativa devido à tamanha expressividade que o mesmo apresenta em seu território e além de suas fronteiras. O povo gaúcho é certamente aquele, em nosso país, em que os aspectos culturais simbólicos estão fortemente presentes no imaginário e no cotidiano dos indivíduos.

Nesse estudo, através das falas dos integrantes do Centro Tradicionalista Gaúcho (CTG) Seiva Nativa, tento estabelecer relações entre a identidade desse

povo com seus hábitos de lazer. Busco compreender o significado que esses membros atribuem às atividades das quais participam nesse local e assim observar essa relação. Dentro dessas atividades dou um enfoque especial ao jogo da Tava, como ele se insere nessa identidade e se a participação aqui se configura como jogo, um divertimento ou esporte, em busca de um resultado na participação em rodeios e/ou torneios. Tento resgatar um pouco da história desse jogo, interpretar como este entrou em seus lazes, compreender qual o sentido que dão a ele, busco conhecer o máximo possível desta prática cultural, sem a intenção de “generalizar”, pois o trabalho se desenvolve dentro de um CTG específico, portanto, as interpretações serão referentes a este determinado grupo de praticantes.

Pela interpretação das atividades, a partir do contexto sócio-cultural em que elas acontecem, e tentando compreender o significado que possuem para seus praticantes, fazer um resgate histórico-cultural dessas, e assim proporcionar um aumento no universo do conhecimento sobre esta prática de lazer, o CTG.

2 – Metodologia

O estudo tem por objetivo responder a seguinte pergunta: **Como o grupo de integrantes de um centro tradicionalista gaúcho vivencia sua identidade cultural, articulada aos significados que atribuem às atividades de lazer que lá realizam?**

Para responder esta pergunta se fez necessário “dividi-la” em pequenas partes para que o trabalho seguisse uma linha de entendimento. Separá-la em outras questões que serviriam como norteadoras da pesquisa e assim chegar ao objetivo principal do estudo. Foi separada da seguinte forma:

- Qual é o significado da participação das atividades do CTG Seiva Nativa para seus integrantes?
- Como se dá a relação entre o lazer e a identidade nesse contexto?
- Como o jogo da tava se insere nessa relação identidade/lazer?
- Dentro desse contexto, a tava é praticada como um jogo ou esporte?

Assim, as perguntas acima auxiliaram a encontrar respostas para a problematização inicial, referida anteriormente. Além disso, elas acabaram por me direcionar na linha de um estudo por um olhar antropológico, conduzindo-me a utilizar a etnografia como metodologia para a pesquisa.

Portanto, o trabalho tem características de um estudo etnográfico, que compreende uma observação do pesquisador por certo período de tempo sobre os costumes e ações de um grupo de pessoas que são associadas entre si.

Proposta inicialmente por Bronislaw Malinowski, nas primeiras décadas do século XX, em sua obra “Os Argonautas do Pacífico Ocidental”, o autor apresenta-nos um verdadeiro manual sobre etnografia, colocando aspectos desde inserção a campo¹ como os diários de campo etnográficos². Ao realizar uma investigação cultural na ilha Trobiand, com o objetivo de apreender o modo de vida do povo trobiandeses, que num primeiro momento lhe apresentou um distanciamento social, Malinowski teve dificuldades para obter documentos e informações dos moradores locais. Com isso, a forma de recolher informações para utilizar no trabalho, foi obser-

¹ Maneira como o pesquisador entra no grupo pesquisado e estratégias utilizadas por este para obter confiança dos seus informantes.

² Um relatório que registra os dados coletados pelo pesquisador, feito sempre que este for a campo e teve contato com o grupo estudado. Nesse relatório ficam registradas as observações do pesquisador sobre o grupo pesquisado

var a comunidade local em seus gestos, suas ações e suas palavras, no seu dia a dia, interpretar o que obteve e depois transcrever para transmitir as informações aos leitores. Com o passar do tempo as investigações etnográficas sofreram modificações no sentido do campo de estudo, que passa a ser a compreensão de universos culturais que integram a própria sociedade do pesquisador.

Entre os autores mais atuais, vinculados à Educação Física, contamos com Stigger (2002) que descreve a etnografia como sendo um período onde o investigador imerge na cultura do grupo estudado buscando “apreendê-la na sua complexidade” (p. 05), que pode estar escondida nas ações dos indivíduos, por isso o pesquisador deve interpretar e dar significado aos comportamentos para depois transmitir o que obteve do campo em forma de descrição. Esses estudos apresentam a interpretação do pesquisador, diante de um contexto específico, de acordo com as representações que os indivíduos do grupo estudado fazem de suas próprias práticas, sem o objetivo de generalizar as conclusões obtidas, não estendendo-as para outros campos nem para outros grupos.

Como não há mais um distanciamento entre investigador e investigado os pesquisadores devem manter-se livres de julgamentos prévios e considerações precipitadas sobre o grupo a ser estudado. Também se faz necessário dedicar esforços para deixar fora do ambiente a ser pesquisado a maior parte da nossa bagagem cultural e situar nossas observações em um espaço único e em pessoas que agem de maneira inigualável e incomparável a de outros grupos. A pesquisa deve desenvolver-se num processo de inserção na cultura estudada, na perspectiva de apreendê-la na sua complexidade a partir da interpretação das representações presentes nos discursos e nas ações, através da análise dos dados coletados descrevê-la de forma densa para que se torne acessível. O mais importante ao escrever o trabalho é que todos que o leiam possam visualizar o local e o grupo estudados o mais correspondente possível com a realidade, baseados na interpretação da escrita do pesquisador.

A etnografia envolve longos períodos de observações que são necessários para o pesquisador compreender o significado das ações dos participantes de forma que os outros integrantes do mesmo grupo se sintam representados e reafirmem as ações para si mesmos.

Assim podemos dizer que, o trabalho etnográfico é o resultado da interpretação de padrões culturais de um contexto específico desenvolvido pelo

pesquisador, partindo das representações que determinados indivíduos e grupos sociais fazem de suas práticas. A coleta de dados realizada pelo pesquisador etnográfico depende do estabelecimento de uma relação entre o pesquisado e o pesquisador, uma maior aproximação, certa intimidade com os mesmos, para conquistar sua confiança.

Como o trabalho tem característica etnográfica, a investigação se dá por observações participantes e entrevistas semi-estruturadas com os praticantes, buscando antes das entrevistas, a aproximação com o grupo e assim obter as informações necessárias ao estudo, não apenas respostas “prontas” por parte dos praticantes. O método utilizado para conseguir esta aproximação mais “íntima”, a observação participante, acontece quando o pesquisador realiza as atividades junto com o grupo pesquisado, como se fizesse parte desta comunidade.

O olhar para fenômenos culturais está diretamente ligado ao olhar que o investigador realiza do contexto, uma interpretação dos padrões culturais após manter um convívio direto com este. Um *olhar de dentro*, que se revela em um panorama formado por múltiplas instâncias que permite identificar a complexidade da cultura que está sendo estudada.

Para que o estudo possa ser escrito de forma que todos que leiam consigam visualizar e entender o contexto sobre o qual é feita a descrição, o pesquisador usa o recurso do diário de campo, um caderno de anotações no qual ele registra tudo que seja relevante nas observações feitas no grupo. Para que os registros sirvam de informações relevantes no processo investigativo, é fundamental adotar-se de estratégias metodológicas ao escrevê-los como: a) as informações devem ser as mais descritivas possíveis e b) não devem conter juízos de valores. Primeiro anota-se os fatos tais como ocorrem para posteriormente serem classificados e categorizados e dessa forma poder interpretá-los. Assim, os dados coletados não ficam desassociados e podem ser revistos para uma melhor compreensão e análise da pesquisa. Embora os estudos qualitativos busquem evidências de um determinado fenômeno, como, quando, por que e a frequência com que ocorrem, não podemos deixar de apresentar certa curiosidade frente aos aspectos que nos pareçam pouco claros, uma vez que eles podem ser indicadores interessantes para análise e interpretação do estudo.

A escolha do CTG Seiva Nativa como local da pesquisa deve-se ao fato de parentes próximos serem membros da patronagem, equipe que administra o CTG,

onde me sentia muito a vontade para participar ativamente das atividades, não me colocando apenas como observadora, mas também como membro desta comunidade, uma vez que já fui associada do CTG e sou sempre convidada para festividades e eventos por eles realizados. Desta forma as informações coletadas não seriam apenas respostas prontas e “politicamente corretas”.

Antes de escolher definitivamente o Seiva Nativa como local de estudo, visitei uma outra entidade semelhante, só que em Porto Alegre. Mas não me sentia muito “à vontade” com os participantes, sendo assim, julguei que minha pesquisa poderia não ser tão “interna”. Mais uma razão que me levou a optar pelo Seiva Nativa. Um dos fatos que ocorreu durante as visitas a esse CTG foi que estavam acontecendo as eleições para presidência do clube, no qual essa entidade faz parte, e isso causou uma certa animosidade à minha pessoa, alguns membros achavam que eu era “espiã” da chapa adversária, e assim, sonegavam informações necessárias ao andamento da pesquisa. Outro fator importante que ocasionou a troca, foi que, mesmo eles me confirmando que praticavam o jogo da tava, em nenhum momento de minhas visitas essa prática foi verificada, e sendo um dos objetos principais do estudo, de nada me adiantariam as observações neste local.

3 - Identidade Gaúcha – CTG e MTG

Defino aqui identidade cultural como aqueles aspectos de nossas identidades que surgem em nosso “pertencimento” a culturas étnicas, raciais, lingüísticas, religiosas e nacionais. Sendo sistemas que estabelecem fronteiras entre o que está incluído e o que está excluído, estabelecendo uma prática cultural como aceita ou não, por meio da marcação da diferença entre categorias.

Esses movimentos culturais que buscam a afirmação da identidade regional do Rio Grande do Sul existem desde o século XIX, pois nesta época a figura do gaúcho estava praticamente apagada da memória do povo, e por isso em condições de ressurgir como um instrumento ideológico. Em um contexto nacional, a cultura regional gaúcha faz parte de um grupo de fortes representantes que compõem a identidade nacional.

Os movimentos tradicionalistas tiveram origem urbana e foram propostos principalmente pelas classes dominantes, dessa forma, contribuindo para a formação do mito do gaúcho herói, viril, intrépido, com passado guerreiro de vitórias grandiosas e feitos heróicos.

O Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG) é a associação ou a federação dos CTGs e entidades afins, criado no dia 28 de outubro de 1966, durante o 12º Congresso Tradicionalista Gaúcho realizado na cidade de Tramandaí. Atualmente o MTG divide o estado em vinte e sete “regiões tradicionalistas” sendo Canoas (cidade do Centro Tradicionalista de estudo) integrante da 12ª região tradicionalista.

Esse Movimento consolida as iniciativas anteriores e dá corpo ao conjunto de elementos que estabelecem o imaginário regional, fundamentado no universo campeiro da fronteira oeste do estado. Rapidamente começa o surgimento de CTGs em todo o interior do estado, e mais recentemente fora dele. É o tradicionalismo gaúcho organizado, crescendo além das fronteiras de seu estado.

A denominação “gaúcho” nem sempre teve conotação positiva. Até a Revolução Farroupilha, o termo gaúcho (assim como guasca³ e gaudério⁴) era usado para designar os marginais que viviam de furtos conquistados em combates.

³ Homem rústico, forte, guapo, valente.

⁴ Pessoa que não tem ocupação séria e vive à custa dos outros, andando de casa em casa; amigo de viver à custa alheia.

Depois, passou a denominar o gaúcho histórico, que vivia livre pelo pampa⁵ e que existiu até o final do século XIX, quando, conforme Oliven (1993) profundas transformações econômicas no Rio Grande do Sul transformaram essa figura em peão das estâncias. Ainda segundo o autor, o gaúcho é visto como um homem livre, bravo e guerreiro, que luta pelo que acredita, e é com base nessa figura que os integrantes do movimento tradicionalista se identificam.

A figura do gaúcho, com suas expressões campeiras, envolvendo o cavalo, a bombacha, o chimarrão e a representação de um tipo social livre e bravo, serviu de modelo para grupos étnicos diferentes, unindo os habitantes do estado em contraposição ao resto do país (OLIVEN, 1992, p.45).

Podemos verificar essa identificação com a figura acima descrita nas palavras dos integrantes do Seiva Nativa

Não só estar tomando mate, participando de um centro de tradições, [...] mas ter sempre senso digno de dizer a verdade, ter a hombridade [...] enfim o gaúcho não usa papel para estar afirmando um compromisso, um simples aperto de mão e ele ta afirmando um compromisso, então é ter palavra é ta trazendo as raízes, os estudos todos daquele momento...(Zeca – 27 anos – 27/09/2009).

É que eu tenho orgulho de ser gaúcho, ser gaúcho pra mim é um povo que tem história, ele é guerreiro, é diferente do resto – (Ziza – 46 anos – 25/10/2009).

No âmbito propriamente cultural, a constituição da identidade gaúcha, segundo alguns estudiosos e pesquisadores da história cultural deste povo, está relacionada com alguns acontecimentos considerados como fundadores. Um deles teria sido a criação do Partenon Literário em 1868, uma associação de literatos e intelectuais que tinha como objetivo exaltar a temática regional. Outro fato, que teria ocorrido ainda no século passado, foi a fundação em 1898 do Grêmio Gaúcho de Porto Alegre. Esse foi criado para comemorar os fatos e datas importantes da história gaúcha. Logo após vem a criação de outras entidades com os mesmos objetivos: União Gaúcha de Pelotas e Centro Gaúcho de Bagé (1899), Grêmio Gaúcho de Santa Maria (1901), Sociedade Gaúcha Lombagrandense (1938) e Clube Farroupilha de Ijuí (1943).

Em 1948, é criado o primeiro Centro de Tradições Gaúchas (CTG), foi fundado em Porto Alegre, no dia 24 de abril, com o nome de “35 Centro de Tradições Gaúchas”. Este CTG serve, até hoje, de modelo. Atualmente existem mais de 2000 CTGs, espalhados pelo mundo. Há outros nomes designativos de associa-

⁵ Pampa é o nome dado às extensas planícies da Campanha gaúcha, do Uruguai e da Argentina, cujas pastagens são ideais para a criação de gado

ções que foram criadas com os mesmos objetivos dos CTGs, tais como: Grupo de Arte Nativa, Centro de Pesquisas Folclóricas, Piquete de Laçadores, Departamento de Tradições Gaúchas (quando criado como departamento dentro de clube ou associação), etc. O Centro de Tradições Gaúchas é uma associação de pessoas com objetivos culturais, sociais e lúdicas. Diferencia-se de outras associações e clubes por se dedicar ao resgate, valorização e divulgação do folclore e da cultura típica gaúcha, construída ao longo da história do Estado do Rio Grande do Sul.

Oliven (1992) mostra como o tradicionalismo se difundiu não só na área agropecuária latifundiária, mas também nas regiões de minifúndio, áreas de colonização alemã e italiana. Segundo o autor, o tradicionalismo não é mais forte na região da fronteira, pois aí a vida campeira faz parte do dia a dia das pessoas, não precisando ser recriada como nas outras regiões. O autor afirma ainda que devido às suas características geográficas, à sua posição estratégica, à forma de seu povoamento, à sua economia e ao modo pelo qual se insere na história nacional, o Rio Grande do Sul é geralmente considerado como um estado que ocupa posição distinta em relação ao Brasil. Isso porque ao observar a relação entre a população nacional e o local, nota-se, por parte da sociedade sul-riograndense, um afastamento em relação ao nacional e uma forte afeição ao local no qual se está integrado, onde a identidade regional coloca-se sobre à nacional.

A Semana Farroupilha é um momento especial de culto às tradições gaúchas, transcendendo o próprio Movimento Tradicionalista Gaúcho. De acordo com Camargo (2006) a Semana Farroupilha foi criada com o objetivo de divulgar os símbolos sul-riograndenses, estimular as pessoas a entoarem o hino do estado, por meio de sua intensa divulgação, promover ações que incentivem a busca pelo conhecimento da história do Rio Grande do Sul, dentre outros. Ainda hoje, o ápice das comemorações relativas à identidade cultural do gaúcho se dá na Semana Farroupilha. Trata-se de uma festividade regulada por Lei Estadual e regulamentada por Decreto, que envolve milhares de participantes e celebra as tradições gaúchas na semana do dia 20 de setembro, com um tema específico a cada ano.

Ela comemora o aniversário da Revolução Farroupilha, também chamada de Guerra dos Farrapos que explodiu no Rio Grande do Sul e foi a mais longa revolta brasileira com duração de dez anos (1835 a 1845). Os problemas econômicos das classes dominantes estão entre as principais causas dessa Revolução. O Rio

Grande do Sul tinha uma economia sustentada na criação de gado e vivia, especialmente, da produção do charque (carne seca). O charque era vendido nas demais províncias brasileiras como São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e na região nordeste, onde era muito utilizado na alimentação dos escravos. Os poderosos fazendeiros gaúchos queriam que o governo imperial tomasse a defesa da pecuária do Rio Grande e dificultasse a entrada do charque argentino e uruguaio no Brasil. Essa mesma elite de grandes estancieiros também brigava com o governo do império por uma maior liberdade administrativa para o Rio Grande do Sul. A Revolução não teve sucesso.

O Dia do Gaúcho é comemorado no dia 20 de setembro e é feriado estadual. A Semana Farroupilha é evento oficial do Estado desde 1964. Realizada anualmente, sua organização é feita em duas estâncias, a estadual com a definição de diretrizes gerais, com a escolha do tema básico e atividades que envolvem as distâncias públicas estaduais, e no nível local onde, na prática ocorrem os festejos das manifestações culturais, artísticas e de jogos tradicionalistas, se realizam desfiles de carros alegóricos e o realizado a cavalo, que tem um destaque especial. Essas comemorações ocorrem para recordar a Revolução, sendo considerado o maior evento da história política do Estado, envolvendo praticamente toda a população do Estado, não somente na parte física nos locais organizados para festividades, mas também nas iniciativas do comércio e instituições financeiras.

Em Canoas, cidade do CTG estudado, a Semana Farroupilha tem seu núcleo concentrado no Parque Esportivo Eduardo Gomes, e oferece uma intensa programação social, cívica e cultural, com constituição de um grande Acampamento Farroupilha. Durante esse período são lembrados os feitos dos Gaúchos no Decênio Heróico (1835-1845), através de palestras, espetáculos de danças tradicionalistas, shows musicais, torneios esportivos, entre outras atividades.

O Jogo da Tava, considerado um jogo da tradição gaúcha, também tem sua participação nessas comemorações, sendo um dos jogos praticados nos torneios existentes nesta festividade. Oliven (1992) fala também, que o jogo do osso está associado, em suas origens ao bolicho de campanha⁶ na região de fronteira de onde é oriundo, mas mesmo os sujeitos que o conheceram em outra região também o associam à figura do gaúcho.

⁶ Casa de negócios de pequeno sortimento e de pouca importância. Bodega.

4 - CTG Seiva Nativa

Este centro tradicionalista fica localizado no bairro São José no município de Canoas, RS. É um bairro basicamente residencial. A sede do “Seiva” fica ao lado do centro Social Urbano do bairro e próximo da Escola de Ensino Fundamental São Marcos. No mapa abaixo (figura 1), é parte da área branca entre as linhas amarelas (Rua João Leivas de Carvalho), parte próxima onde está escrito o nome da rua.

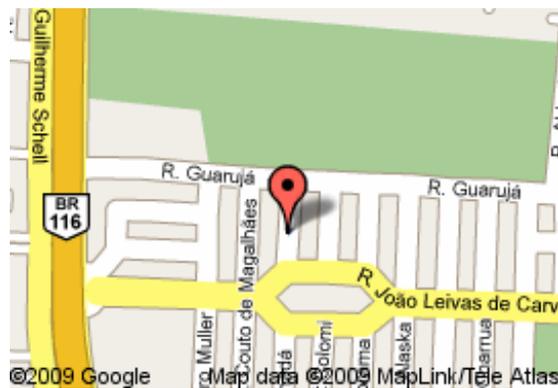


Figura 1 – Mapa situacional da sede do CTG (Fonte: Google)

Há 23 anos a coordenadora do Centro Social Urbano desse bairro criou um grupo de danças tradicionalistas, como atividade extra, para ocupar o tempo das crianças da comunidade com uma atividade produtiva, várias crianças do bairro foram participar. Dois anos após, os pais dessas crianças fundaram o CTG que levou o nome deste grupo de danças – Seiva Nativa. Foram cerca de vinte e um pais que se associaram na época de sua fundação. Atualmente o CTG possui aproximadamente cem associados.



Figura 2 – Fachada do galpão do Seiva Nativa (Fonte: CTG Seiva Nativa)

O galpão⁷ do Seiva é um estabelecimento bastante rústico e bastante amplo, seu piso é em parte de laje de grês e em parte de cimento. Alguns pilares são de toras de madeira, algumas das treliças que sustentam o telhado são de escoras de eucalipto. Num dos lados do galpão fica o palco, onde os conjuntos tocam nos bailes, de cada lado deste tem uma peça, sendo uma a secretaria e a outra um depósito de materiais, no lado oposto ao palco, fica o bolicho ao seu lado a cozinha, a churrasqueira e os banheiros. No centro o tablado, local para as danças e apresentações, em torno deste ficam espalhadas as mesas e os bancos que são de madeira, como podemos ver nas figuras 3, 4 e 5.

A patronagem⁸ principal de um CTG é composta por: patrão – que seria o presidente; capataz – um vice-presidente; primeiro sota capataz – o primeiro secretário; segundo sota capataz – o segundo secretário; primeiro agregado das guaiacas – o primeiro tesoureiro e segundo agregado das guaiacas – o segundo tesoureiro. Depois os demais membros, como o agregado da fala (relações públicas), agregado dos esportes, departamento cultural, etc. Essa denominação utilizada é a mesma usada na administração dos estabelecimentos pastoris. No CTG estudado, qualquer membro associado pode se candidatar a patronagem, basta fazer uma chapa e concorrer. A duração de uma patronagem é de dois anos. Qualquer pessoa pode ser um associado do Seiva, basta preencher uma ficha e pagar uma mensalidade que atualmente está em torno de R\$ 20,00.

O Seiva é um local de reunião de parentes, amigos e membros da comunidade. Um lugar onde pessoas diferentes, com vidas distintas, encontram-se nos mesmos momentos por uma razão comum, para preservar uma cultura tradicionalista. Seus membros são os mais variados possíveis, tendo técnicos, secretárias, economistas, empresários, mecânicos, professores, e que moram em locais próximos como alguns bairros de Canoas, e em locais mais afastados como Guaíba e Esteio. Não existe uma idade ideal para fazer parte deste grupo, todos são sempre bem-vindos, sendo que o mais novo tem um ano e o mais velho tem oitenta anos de idade, mas a grande maioria varia entre vinte e quarenta anos.

⁷ Construção existente nas estâncias, destinadas ao abrigo de homens e de animais. O galpão característico do Rio Grande do Sul é uma construção rústica. Serve de abrigo e aconchego à peonada e a qualquer tropeiro, viajante ou gaudério que dele necessite. (OLIVEN, 1992)

⁸ É a equipe que administra o CTG, a diretoria



Figura 3 - Palco do galpão do Seiva



Figura 4 - Boliche



Figura 5 - Cozinha e churrasqueira

(Fonte das fotos acima: CTG Seiva Nativa)

Quando estão juntos os assuntos são os mais diversos. Falam sobre o grupo, o que devem fazer para obterem maior participação de membros, congregarem mais pessoas, as melhorias que devem ser feitas no galpão sede, preparativos para as

atividades, eventos culturais, política, assuntos do cotidiano. Os associados do CTG costumam se reunir nos finais de semana para realizarem atividades que estão diretamente ligadas à cultura tradicionalista rio-grandense, como rodas de chimarrão, churrascos, jantares campeiros e práticas corporais como bailes com danças de fandango (xote, milonga), invernadas artísticas com danças tradicionalistas (tatu, xote carreirinha), jogos de truco, de bocha campeira e tava, enfim para aproveitarem seus momentos de lazer em companhia de seus amigos, divertindo-se e cultivando suas tradições, mantendo viva a sua identidade.

Sem dúvida, o lazer ocorre num tempo específico caracterizado pela ausência de obrigações e deveres profissionais, familiares, religiosos, entre outros. Em razão a isso é caracterizado como espaço do lúdico e prazeroso. Compreendendo o prazer como busca de um descontrolado “controlado”, dentro de uma sociedade determinada, vinculado à satisfação pessoal, expressando a cultura deste grupo. Outro aspecto destacado por Elias e Dunning (1992) consiste no fato de que nas atividades de lazer as restrições quanto às emoções é menor, pois somos nosso próprio quadro de referência. Já nas atividades de trabalho precisamos ter aprovação social, na qual temos outros indivíduos como quadro de referência. No trabalho não deixamos de sentir as emoções, mas elas ficam mais contidas, não podemos expressá-las como nos momentos das atividades de lazer em função do ambiente ser mais formal. Porém, nessas atividades podemos expressar esses sentimentos de forma natural, sem temer repressões, momento em que a formalidade é deixada de lado.

Nessas ocasiões nos sentimos mais livres, como coloca Dumazedier

O lazer é um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se, ou ainda, para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais (1973, p.34).

Para os membros desta entidade tradicionalista, o estar ali não é apenas um lazer, mas um lazer diretamente ligado a sua identidade cultural. Isso pode ser compreendido pelas palavras de Marcelino, quando afirma que lazer é “cultura vivenciada em tempo livre” (1996), e pode ser observada nas palavras de alguns membros:

Bom, o CTG é minha identidade, muitas pessoas freqüentam o galpão por lazer, eu também, mas o sentimento tradicionalista, esse é minha vida, é meu caráter, é meu estilo de vida. (Doca - 33 anos – 02/11/2009).

...é como uma coisa que me dá prazer, como muita gente busca o futebol eu vou pro CTG, [...] gosto das nossas tradições, quero passar para minha família, pras minhas filhas todo esse conhecimento, essa mesma sensação, esse mesmo orgulho que eu tenho. (Ziza – 46 anos – 25/10/2009).

Para Gutierrez (2000), outra alternativa de pensar o lazer consiste em destacar a questão da busca do prazer enquanto elemento fundamental que o distingue das demais manifestações sociais. O prazer como elemento essencialmente humano, característico da formação da personalidade e que pode ser percebido em qualquer meio social organizado, que também pode ser verificado nas palavras dos associados, referidas acima.

Em algumas ocasiões, depois dos bailes, alguns passam a noite na sede, dormem em colchões colocados no palco. Tive a oportunidade de participar de uma dessas “noitadas”, na qual ficamos conversando por um longo tempo e quem ficava com sono ia se retirando para “sua cama”, enquanto alguns continuavam a conversar e outros jogavam truco.

A dedicação de alguns membros é tamanha, que nos eventos da semana farroupilha, passam a semana inteira no galpão montado no parque. Alguns tiram férias neste período para obter um tempo maior de dedicação, trabalham duro na construção do galpão, levam filhos junto, improvisam camas sobre os bancos. Outros vão após o trabalho, passam a noite no galpão e no dia seguinte acordam cedo para ir trabalhar novamente, repetindo esta rotina todos os dias da semana, até o encerramento das festividades. A forma como essa rotina se estabelece entra em concordância com o que nos coloca Elias e Dunning:

Existe uma boa dose de evidência sugerindo que as estruturas e funções das atividades de lazer não podem ser compreendidas se não se considerarem como um fenômeno social por direito próprio, interdependente de atividades de não lazer, mas, do ponto de vista funcional, *de valor não inferior* subordinadas a elas. Tanto as atividades de lazer como as de não lazer têm, evidentemente, *funções para as pessoas* (1992, p. 141). (grifo meu)



Figura 6 - Galpão do Seiva Nativa, Semana Farroupilha 2009 (Fonte: Próprio autor)

Na última reunião de patronagem que observei/participei, decidiram por construírem de forma definitiva as canchas de bocha campeira e tava, pois até então jogam em canchas improvisadas na área externa, na parte em frente ao galpão (ver figura 1). Esta decisão foi tomada após a semana farroupilha de 2009, na qual eles participaram do torneio de tava. Agora querem participar de torneios, tanto nas festividades da semana farroupilha como em rodeios, pois consideram que desta forma espalharão o nome do CTG.

Nas férias de verão as atividades do CTG ficam bastante reduzidas, não totalmente suspensas, mas acontecendo apenas alguns encontros entre os membros da patronagem, possibilitando que as crianças tenham um período de descanso e assim poderem viajar com seus pais durante este período, que também estão em férias escolares.

4.1 – As Invernadas Artísticas – danças

As invernadas artísticas são grupos de pessoas do CTG que praticam suas atividades, como ensaios de danças, e representam o CTG em eventos ou quando convidados para se apresentarem em algum lugar. Existe a invernada mirim, com as crianças, a juvenil, com os adolescentes e a xirú, que são os mais “experientes”. Ainda na parte artística, há a trova, o canto, a declamação, a poesia e a música.

Os membros da invernada artística adulta, composta por muitos adultos jovens, promovem várias atividades culturais junto a escolas da região,

apresentando para as crianças aspectos da tradição gaúcha como artesanato, culinária, indumentária, feitos históricos, danças e jogos tradicionalistas. É uma maneira de difundir e perpetuar sua cultura, sendo que muitos ainda não possuem filhos, mas se preocupam em “passar adiante” esse conhecimento.

Um exemplo típico para isso, gostar da tradição e querer passarem isso aos outros, é a “prenda do CTG”. A prenda do CTG é a chamada “prenda de faixa”. Para ser uma prenda de faixa, a prenda deve fazer um concurso, que envolve prova escrita, prova artística, prova oral, caracteres pessoais, mostra folclórica ou arte tradicional e relatório de atividades. A prova escrita consiste em uma prova que deve ser realizada no máximo em duas horas, e é composta pelos temas : Geografia do Rio Grande do Sul; História do estado; Tradição – tradição e folclore do estado; História do Brasil – aspectos diretamente ligados a história do Rio Grande do Sul e redação. A artística consiste em saber dançar uma dança de internada (dança tradicionalista) e uma dança de salão gaúcha. A oral pode ser uma declamação, canto ou tocar um instrumento, também deve saber falar sobre um tema da tradição e na hora da prova os avaliadores sorteiam um outro tema e ela deve saber falar sobre este (pelo menos cinco minutos). Quando participa do concurso, ela deve fazer uma mostra de artesanato que saiba (pode ser culinária gaúcha). Ao vencer o concurso, ela se torna a “prenda do CTG”. Também existem concursos para prenda regional (da região tradicionalista) e estadual (de todo o estado) e passa a “trabalhar” pelo seu CTG, nas palavras de uma “prenda do Seiva Nativa”

...o prendado do CTG vai trabalhar em função do seu CTG, vai tentar levar a cultura pra fora do CTG, buscar mais gente e vai tentando moldar as prendas que não são do prendado, vai ajudando o pessoal da patronagem a levar o CTG. (Déia – 18 anos – 25/10/2009)

Esta prenda foi, e ainda é, convidada por sua escola, em Guaíba, a falar sobre a tradição para as demais crianças da escola, mesmo já tendo se formado no ensino médio e não sendo mais uma “prenda de faixa”.

Através das palavras desta prenda e do que rege o concurso⁹ para ser prenda, podemos perceber que entram em conformidade com uma das questões enfatizadas por Dumazedier em 1973, quando este descreve o lazer como um con-

⁹ O regulamento para o concurso de prendas pode ser acessado no site do MTG na página <http://www.mtg.org.br>.

junto de ocupações onde o sujeito entrega-se de livre vontade, após livrar-se das ocupações de suas obrigações profissionais, familiares e sociais, à atividades para desenvolver sua participação social voluntária ou sua capacidade criadora, ou ainda, sua informação ou formação desinteressada.



Figura 7 - Escola lanchando no galpão do Seiva, 2008 (Fonte: CTG Seiva Nativa)

Mas, as invernadas artísticas sonham com algo ainda maior, querem intensivar seus ensaios das danças tradicionalistas para que possam voltar a participar do ENART que é Encontro de Arte e Tradição, o maior festival de arte amadora da América Latina segundo a UNESCO. É um evento tradicionalista gaúcho, promovido pelo MTG, e é realizado anualmente em três etapas. As regionais, as inter-regionais, e a final. Envolve competidores de todo o estado, e espectadores de todo o país. Estima-se haver mais de dois mil concorrentes por ano, e mais de 60 mil espectadores na fase na final. É de extrema importância para o Rio Grande do Sul, pois é um dos maiores eventos tradicionalistas.

Em algumas de minhas observações, pude constatar que alguns membros lutam para uma participação mais ativas de todos integrantes, enquanto outros acham “que a coisa tem que ser mais leve”, pois não é regime de “escravidão”. Cada um tem uma vida fora do CTG, não podem abandonar tudo em prol do grupo. Uns esporadicamente trabalham em finais de semana, outros tem trabalhos da faculdade e ainda tem os que executam suas tarefas domésticas nestes dias, e é em função destas atividades que não podem dedicar mais tempo para os ensaios.

Entre uma visita e outra ao Seiva, aproveitei para observar outro CTG, este em Porto Alegre, na zona sul da cidade. Notei grande diferença nos encontros. No

de Porto Alegre os ensaios eram rigorosos, as crianças ensaiavam exaustivamente, um mínimo detalhe errado e recomeçava tudo. Algumas vezes passam de sexta a domingo ensaiando. Não pude deixar de comparar com os encontros e ensaios que assisti no Seiva, não que neste não sejam cobrados os detalhes, mas é feito de uma forma mais tranqüila me parecendo uma coisa mais leve, mais para o lado da “brincadeira”, do lúdico.

A figura 8, a seguir, mostra a invernada adulta dançando em um baile de aniversário do Seiva, a prenda que está de azul, ao centro, que está com uma faixa é a “prenda do CTG”



Figura 8 - Baile no Seiva (Fonte: CTG Seiva Nativa)

4.2 – O Jogo de Truco

No Seiva quem não sabe e quer jogar logo tem os ensinamentos necessários para isso. A participação feminina no truco é expressiva, sendo que muitas participam de torneios com trios mistos ou trios inteiramente femininos.

O truco é um jogo de cartas muito popular no sul da América do Sul, mais precisamente no Rio Grande do Sul. É bastante popular tanto na capital dos gaúchos, Porto Alegre, quanto no interior do estado. É jogado com baralho espanhol de 40 cartas. O truco cego de tradição nunca é jogado à dinheiro. Joga-se o melhor de três rodadas e também os pontos das cartas com Envído e Flor. As partidas são jogadas em 24 tentos, sendo que os primeiros 12 tentos serão os “MALOS”, e os 12

restantes os “BUENOS”, corridos e o jogador que fizer essa pontuação é considerado vencedor. Pode ser jogado em duplas, trios ou quartetos, nos torneios da semana farroupilha são jogados em trios. As partidas serão combinadas, isto é, começa-se jogando um grupo contra outro (mão geral ou roda), para a volta seguinte jogar individualmente, cada jogador com o seu contrário, sentado no lugar oposto (testa), assim se alternarão as duas formas até que falem seis tentos para o final da partida, pois desde então todas as mãos seguintes seguirão mão geral ou roda. Sairá jogando o mão e continuará o seguinte, até que todos tenham intervindo. Os pontos ganhos pelo testa engrossará o monte obtido pelo grupo ao qual pertence. A colocação dos jogadores será alternada.

A figura abaixo mostra membros e visitantes jogando truco no galpão do Seiva na Semana Farroupilha de 2009 de Canoas. Estavam jogando apenas para “matar o tempo” depois do torneio da tava.



Figura 9 – Jogando truco

(Fonte: Próprio autor)

Não é raro entrar no galpão do Seiva e encontrar vários membros jogando truco, jogam entre os intervalos dos ensaios das invernadas ou enquanto esperam o churrasco ficar pronto. Esse fato ocorre devido à facilidade, pois em se tratando de um jogo de cartas qualquer lugar é conveniente para se jogar, uma vez que não necessita “construir” a cancha, sendo que esses momentos podem ser no período noturno ou mesmo pela impossibilidade em dias de chuva, uma vez que os demais jogos são praticados ao ar livre.

4.3 – A Bocha Campeira

Quando querem jogar a bocha campeira, eles montam uma quadra com fitas demarcativas e logo se posicionam em volta para ver quem vai começar jogando. Esta bocha é parecida com aquela bocha que conhecemos, a sul-americana, jogada numa cancha estreita. Porém a bocha campeira é jogada no campo, com medidas diferentes da quadra, mas com regras parecidas. Esta bocha é jogada em uma cancha que mede trinta e seis (36) metros de comprimento por dez (10) metros de largura em terreno gramado. As bochas para o início do jogo ficam sempre nas cabeceiras da cancha, sendo seis para cada jogador ou equipes. Essas poderão ser de madeira ou sintéticas. O jogo é jogado de forma simples, em duplas ou em trios.

Para começar o jogo o bolim, bola branca com cinco centímetros de diâmetro, deverá ser lançado da cabeceira da cancha até três vezes, sem prejuízo do arremessador, caso não logre êxito nestes três arremessos o bolim passará para o adversário e ficará posicionado a uma distância da cabeceira da cancha nunca inferior a doze metros e nem superior a vinte e quatro metros. Todo e qualquer arremesso da bocha quer para arrimar ou bochear (bater) deverá ser efetuado de fora da cabeceira da cancha, tendo como limite a linha de início da mesma, podendo o jogador correr sem necessidade de avisar que tipo de jogada irá realizar. Sempre que o bolim for batido e ultrapassar os limites da cancha, será considerado bolim fora de cancha. Qualquer bocha que sair dos limites da cancha, estará fora de jogo. A partida é jogada em doze pontos, cada bocha valendo um ponto.

Como a cancha é demarcada em um campo, o Seiva é um lugar próprio para isso, pois todo o terreno ao redor do galpão do CTG é gramado, assim eles podem escolher o melhor lugar para praticarem o jogo, podendo ficar próximos ao demais membros, que podem estar realizando outras atividades.

Quando os jogadores vão lançar as bochas, sempre tem alguém que de palpite do lançamento, coisas como “bah, muito fraco, não vai chegar nem perto”, “nossa, comeu muito feijão hoje, foi muito forte”, e logo todos caem na gargalhada. Esse jogo também tem uma participação feminina expressiva dentro desse grupo tradicionalista, sendo que algumas até compraram um conjunto de bochas para jogarem em suas casas.



Figura 10 – Cancha bocha campeira
(Fonte: www.paginadogaucho.com.br)

5 - Sobre o Jogo da Tava

Dos jogos praticados dentro dos CTG escolhi estudar o jogo da tava, escolha esta feita pela proposta de um professor da universidade, que em uma de suas aulas perguntou se alguém conhecia o “jogo do osso” (jogo da tava dentro dos CTGs), uma vez que é um jogo tradicionalista gaúcho e os jogos tradicionais/culturais fazem parte do currículo da educação física. Quando disse a ele que conhecia, e poucos na sala sabiam de que jogo se tratava, sugeriu que realizasse minha pesquisa sobre este jogo.

Em “Casa de homens – o jogo do osso e a masculinidade em grupos populares de Porto Alegre”

Jayme Caetano Braun (1958) poeta tradicionalista descreve em sua poesia o jogo do osso praticado no campo como um retrato fiel do Rio Grande: “... pois tu, meu osso ferrado, das canchas de beira-mato, és para mim o retrato mais xucro do meu estado!” (SILVEIRA, 1999, p.12)

O Jogo do Osso começou pelo menos há três séculos a.C., na Ásia, e encontramos hoje, nas canchas de céu aberto da América do Sul, ou quando construídas em lugares fechados, denominados “casas de jogo do osso”. Segundo referências bibliográficas, os Árabes e Persas já o praticavam. Mas a afirmação de que o povo que mais o praticava era o grego, é unânime na literatura existente desse jogo. Nessa época o osso era extraído do carneiro, provavelmente em função do grande consumo da carne desse animal na região, o que facilitava a aquisição do material necessário para o desenvolvimento dessa atividade. O jogo chamado "astrágalo", nome esse dado pela relação ao osso com o qual se joga, era até citado em referências mitológicas, como quando Patroclo, ainda menino, teria abatido por questões de um desafio em um jogo de osso, o amigo Anfidamonte. Conforme vários depoimentos, o jogo era também praticado por mulheres nobres em seus salões, sobre tapetes. O escultor grego Policlés, no século segundo antes de Cristo, expôs em sua obra à linda “Astragalizonte”, representando uma jovem jogadora de astrágalos.

O jogo chegou até a Espanha através dos legionários romanos, que costumavam praticá-lo nos recintos dos quartéis e acampamentos, durante o período de dominação sob o império de Augusto, onde nessa época o jogo era

chamado de “Alea”. Por coincidência ou não, Alea é uma das classificações da natureza social do jogo segundo Caillois (1990) jogo no qual o jogador atua passivamente, não fazendo uso de qualquer habilidade previamente adquirida, sem qualquer qualificação profissional, onde predomina a ação do acaso, da sorte.

A introdução do jogo na América do Sul se deu pelos espanhóis através de suas conquistas nessa região, chegando assim à bacia do Prata, com referências bibliográficas pelo ano de 1620. Com o passar do tempo, na Argentina e no Uruguai, o jogo do osso tomou características próprias, sendo que as regras e a terminologia são comuns a um e outro país, com sutis diferenças.

No Rio Grande do Sul o jogo do osso entrou pela fronteira do Chuí ao Alto Uruguai e também pelo nordeste argentino. Pelo fato de sua procedência ser através dos países de conquistas espanholas é que o jogo do osso conserva até hoje termos da língua castelhana como "suerte", "culo", "clavada" e "güeso".

Em razão de a história gaúcha confundir-se com a história platina, especialmente até a conquista dos Sete Povos, em 1801, os costumes dessa larga faixa territorial eram praticamente idênticos. Os tipos que circulavam por essa região como milicianos e aventureiros, mestiços e gaudérios, não conheciam outras fronteiras senão aquelas onde o gado, eqüino e bovino, era criado em grande escala. Esses homens possuíam hábitos comuns como o churrasco (um naco de carne sobre as brasas), o chimarrão, o modo como abatiam bois para extração do couro, carne e da graxa, como domavam os potros e seus hábitos de montaria. Seria natural, que essa identidade se tornasse comum a todos em sua amplitude de usos e costumes, onde os jogos que esses homens praticavam para passar seu tempo livre, como no caso o jogo da tava, se tornassem tão parecidos ou se diferissem de forma sutil de uma região para outra.

Com o passar do tempo essa prática foi espalhando-se por outras regiões do estado, através das viagens que os carreteiros faziam para vender seus produtos, o jogo do osso foi levado principalmente à peonada das estâncias, e dessa forma fazendo parte da identidade desse povo.

Elaine Rosner Silveira em sua dissertação de mestrado em Antropologia Social pesquisou casas de jogo do osso “ilegais” em Porto Alegre, e o dono de uma dessas casas entende que o jogo do osso é um “jogo da terra” que “acende a tradição do Rio Grande”.

A tava é o instrumento com o qual se pratica o jogo do osso, podendo também ser chamada "taba", "osso" ou "garrão", é confeccionado com o astrágalo, osso do jarrete de bovino, e seu tamanho varia de acordo com a idade ou porte do animal escolhido. Segundo os jogadores mais aficionados, a melhor tava é do astrágalo do touro, pois geralmente é o osso mais forte e de mais peso, e se bem preparados jamais racham ou lascam.

Com o surgimento das ferrarias de campanha, passou-se a usar também a tava ferrada, onde o osso já preparado recebe uma espécie de ponteira de ferro na face "suerte". Com o passar do tempo as tavas foram recobertas de metal em ambas as faces. Este tipo de tava é a mais usada na atualidade, sendo que na maioria das tavas o metal usado na face "suerte" é o bronze e na face "culo", o ferro. Raramente são encontradas tavas ferradas em ambos os lados com ferro, onde para diferenciá-los, no "culo" o metal recebe o desenho de formato retangular e com os angulos em meio círculo, e no lado "suerte" o metal acompanha o risco natural do astrágalo em forma de "S".

Tradicionalmente se pratica o jogo do osso ao ar livre, em um espaço de chão naturalmente nivelado e com um terreno firme e macio. A cancha mede usualmente nove passos normais, de raia a raia. Podendo haver algumas com medida inferior, que são chamadas de "cancha curta" ou maiores "cancha longa". Dá-se o nome de "cabeceira" a um e outro extremo da cancha. Cada cabeceira é dotada de uma "raia". Essa raia é demarcada por riscos no chão, ou ainda com cordões rentes ao chão amarrados em suas extremidades em pequenas estacas. O chamado "barro", é um espaço de terra umedecida e sovada, com diâmetro de meio metro localizado junto à raia. É fundamental ao bom andamento do jogo, que esse barro esteja em condições, facilitando que os arremessadores consigam, ao lançar a tava, fazer essa cair com a inclinação propícia à "suerte-clavada".



Figura 11 – Cancha de Tava, Semana Farroupilha Canoas 2009.

(Fonte: Próprio autor)

Para o jogo começar um dos jogadores lança a tava em direção à cabeceira a sua frente. Imediatamente, da outra cabeceira, o oponente, depois de ter sido verificada a posição em que caiu, pega a tava e lança. Cada jogador lança a tava dez vezes e depois trocam as cabeceiras e lançam mais dez. Pode ser jogo individual ou em equipe, que é formada por quatro membros, quando em equipe todos jogam e depois disso o pior resultado (dos quatro componentes) é descartado.

Acontecendo "*suerte*" é marcado um ponto positivo, "*culo*" é marcado um ponto negativo (-1), "güeso" ou "touro" não marcam nada, em "suerte clavada" marca-se dois pontos positivos e em "culo clavado" marcam-se dois pontos negativos (-2), ao final dos lançamentos soma-se o total de pontos marcados. Ganha quem obteve um maior número de pontos. Quando o lançamento cai fora da cabeceira, só é marcado se for azar (*culo* ou *culo clavado*), se for sorte (*suerte* ou *suerte clavada*) só é marcada (válida para pontuação) quando cai dentro cabeceira, sem tocar nas marcações desta.

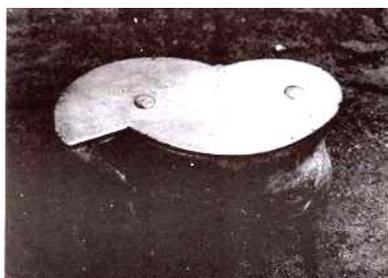


Figura 12 – Posição suerte.



Figura 13 – Posição culo.



Figura 14 – Posição culo clavado.



Figura 15 – Posição güeso.



Figura 16 - Posição 31 ou touro.

(Fonte das fotos acima: www.paginadogaicho.com.br)

Não é raro uma equipe acabar com pontos negativos, como foi o caso da equipe do Seiva Nativa na semana farroupilha de 2009. Acabaram com menos cinco (-5) pontos.



Figura 17 – Equipe de Tava do Seiva, Semana Farroupilha 2009 (Fonte: Próprio autor)

Quando um dos jogadores, durante o jogo, resolve trocar de tava, só o pode fazer depois que seu adversário obteve uma “suerte”.

Desviada a tava de seu curso por qualquer acidente natural, seja uma pedra próxima, uma raiz, galho seco, o tiro não perde validade. São casos que acontecem com alguma freqüência nos tiros de "carreteiro", quando a tava rola sem direção

determinada. O MTG regulamentou o Jogo da Tava por não serem mais possíveis apostas (ver Anexo A).

No Seiva, como a cancha é improvisada, eles jogam com apenas uma cabeceira, e a distância da qual eles arremessam a tava é medida em passos, sendo que cada jogador arremessa e depois de verificada a posição que o osso caiu no solo, o oponente pega a tava e faz seu arremesso.

Quando conversava com um dos membros da “equipe de tava” ele comentou sobre sua primeira participação em um torneio em um rodeio realizado na cidade de Esteio há alguns anos atrás. Esse me relatou que participou do torneio sem nunca ter jogado antes, e que aprendeu ali, minutos antes de jogar. Seus adversários lhe ensinaram antes da competição, dando dicas de como lançar o osso, terminou o torneio em segundo lugar, e acabara ganhando de um de seus “instrutores”. E foi assim que o jogo entrou no Seiva, de uma forma bastante casual.

Para os integrantes desse grupo a tava esta intimamente ligada a sua tradição, a sua identidade, de forma geral os entrevistados relatam que “se identificam com ele”.

...pra nós é uma coisa bem tradicional, bem gaúcha, campeira, é uma coisa de identidade mesmo, que a gente se identifica com ele. (Ziza – 46 anos – 25/10/2009)

É um jogo por demais antigo que devemos manter vivo na nossa cultura. (Zezo. – 28 anos – 02/11/2009)

Tava é um resgate [...] e como em todas as demais atividades, buscamos manter nossa identidade cultural. (Doca – 33 anos – 02/11/2009)

Na tentativa de classificar a prática dentro deste centro tradicionalista como jogo ou esporte, levo em consideração que qualquer fenômeno social, a partir de um enfoque sociológico tem como ponto de partida o pressuposto de que esses fenômenos só podem ser compreendidos quando analisamos o processo inter-relacional que existe entre os seres humanos e a sociedade do qual fazem parte.

Durante as práticas que observei, pude notar que jogam de forma a obter divertimento durante o jogo, onde parabenizavam bons lançamentos adquiridos por adversários, mudando a distância para os que estavam iniciando a prática, para poderem aprender os arremessos. Há membros que jogam desde sua infância, pois o pai já jogava e possuía cancha em casa, e quando estes erram, provocam risos nos demais participantes, o que ocorreu comigo na primeira tentativa de arremesso.

Neste local, os jogos sempre transcorriam na maior tranquilidade, num clima de descontração.

Baseando-me então no pensamento de Dunning (1992), para compreender se o grupo pratica a tava numa perspectiva a partir de um “ethos amador”, cujo componente principal é a prática do jogo por divertimento, ou se estaria praticando a mesma atividade dentro de um ethos do tipo profissional e cuja orientação está vinculada à seriedade e à busca dos resultados. E usando também como referência Huizinga, quando nos diz que o jogo “jamais é imposto pela necessidade física ou pelo dever moral, e nunca constitui uma tarefa, sendo sempre praticado nas horas de ócio”. (1980, p. 11). Com base nesses autores compreendo a prática da tava dentro do Seiva como jogo, pois mesmo em torneios eles o utilizam como divertimento, e aproveito para fazer uso das palavras de Edson Gastaldo (2007) que escreve que a forma não séria do jogo, manifestos de espécie lúdica, são “verdades que se dizem brincando”, e isso pode ser constatado nas falas de integrantes do grupo a seguir:

Um momento de lazer, mesmo em competição. Um momento em que me entretenho, que me relaciono com as pessoas, que brinco... É um jogo que me fez conhecer e me empenhar em pesquisar sobre mais uma parte da cultura do Rio Grande, do nosso povo. (Zezo – 28 anos – 02/11/2009)

...um bom momento para dar umas risadas e confraternizar com os colegas... (Doca – 33 anos – 02/11/2009)

Ainda na perspectiva de classificar a tava de acordo com as observações realizadas em campo, direcionei minhas observações em relação ao tempo de permanência dos integrantes no jogo. Percebi que cada participante jogava o tempo que sentia vontade, uns largavam a tava não muito tempo depois de começarem a jogar indo fazer outra atividade, enquanto outros passavam longos momentos jogando. Essa análise entra em conformidade com Caillois (1990) que considera que os jogos têm certa relatividade temporal, onde o jogador só permanece jogando enquanto estiver obtendo divertimento e alegria. Outro aspecto importante destacado por esse autor, e que considero de fundamental importância para a compreensão dessa atividade, é de que por mais individual que se suponha ser o jogo, ele perde o sentido de diversão quando não existem concorrentes nem espectadores.

Todavia, em sua qualidade de distensão regularmente verificada, ele se torna um acompanhamento, um complemento e, em última análise, uma parte integrante da vida em geral. Ornamenta a vida, ampliando-a, e nessa

medida torna-se uma necessidade tanto para o indivíduo, como função vital, quanto para a sociedade, devido ao sentido que encerra, a sua significação, a seu valor expressivo, as suas associações espirituais e sociais, em resumo, como função cultural. (HUIZINGA, 1980, p.12)

Coloco a frase acima, por considerar que ela traduz o sentimento e a forma como os integrantes desse CTG consideram suas práticas nesse contexto social, o quanto o jogo está inserido em suas vidas.

5.1- Posições da Tava no solo

Após o arremesso a tava pode estabilizar-se em pelo menos oito posições, cada uma delas com seu nome:

- Suerte - parte ganhadora para o alto, ou para cima.
- Culo - parte ganhadora para baixo.
- Clavada- quando a saliência de clavar enterra-se no chão, ficando a tava em diagonal sobre o solo, temos a "clavada" - ganhadora quando a parte superior, exposta, fica para cima. É a "suerte clavada", o tiro-rei das canchas do jogo do osso.
- Culo Clavado - idem ao anterior, mas exposta a face perdedora.
- Suerte Declinada - tava estabilizada quase na vertical, com face ganhadora exposta.
- Culo de espelho - idem ao anterior, mas com face perdedora exposta.
- Güeso - posição que não é nem "suerte" nem "culo", com qualquer dos lados não ferrados para cima.
- 31 ou Touro - variação do güeso com a tava exatamente na vertical.

As posições declinada e de espelho - provocam acirradas discussões entre os jogadores, a partir da dúvida de que o arremesso tenha validade ou não. Para definir a questão, o coimeiro coloca uma segunda tava exatamente na vertical, ao lado da tava declinada. Conforme o ângulo resultante surge a decisão. Se no ângulo não couber uma ficha inteira o tiro é considerado neutro ou güeso - não perde nem ganha.

5.2 - Espécies de arremessos

Os arremessos exigem manejo especial da tava, com posições de saída e métodos de lançamentos quase inflexíveis. Todo bom jogador precisa conhecer os vários métodos, que podem ser "*volta-e-meia*" (tava dá uma volta e meia no ar), "*duas-e-meia*", "*duas voltas*", "*três voltas*" e o "*carreteiro*" (lançamento da tava sem manejo especial, nem preocupação com número de voltas ou giros - dá se esta denominação por lembrar a sua anti-técnica o ato de lançarem os carreteiros um osso de fervido, ou costela já pelada da carne, ao guaieca que normalmente acompanham-nos nas carretadas pelo pago).



Figura 18 – Posição para arremesso da Tava

(Fonte: www.paginadogaucha.com.br)

6 – Considerações finais

Espero que esse trabalho possa contribuir com a literatura a cerca de lazer. Mesmo que as conclusões obtidas aqui não possam ser generalizadas, uma vez que é um estudo de um grupo específico, o trabalho traz reflexões a respeito de como os membros de um centro tradicionalista relacionam o lazer que praticam com sua identidade cultural, mostrando o orgulho que sentem em fazer parte dessa cultura e procuram fazer as pessoas entenderem sua dedicação a preservação dessa tradição, “o porquê usam bombachas”. Eles não querem só formar, criar novos tradicionalistas, mas fazer as pessoas respeitarem o que fazem, entendendo o que fazem, mostrar que suas práticas estão diretamente ligadas ao que eles consideram ser gaúcho, ou seja a sua identidade cultural..

Em termos de manifestações culturais, considero autêntico aqui tudo o que for real e tiver significado para esse grupo social que vem tentando manter sua identidade. Nesse sentido, não há dúvidas de que esse CTG, com todo o simbolismo que carrega consigo, tem alta significância para seus participantes e para outros indivíduos que gradualmente se integram ao grupo, promovendo sua expansão.

É possível observar no decorrer do trabalho, o quanto os membros deste centro tradicionalista se preocupam em transmitir a gerações futuras padrões e valores, que também lhes foram passados por seus pais e avós. O quanto essa

cultura está internalizada nas falas dos integrantes do Seiva, inserida diretamente nos seus modos de vida, o quão forte é sua identidade cultural, pois é em função dessa identidade que ocupam seus tempos livres. Digo seus tempos livres, pois muitas vezes dedicam para essas práticas mais tempo que apenas seus finais de semana.

Com relação ao jogo da tava é possível dizer que além de praticarem como diversão, os membros o fazem com intuito de legitimá-lo, pois uma constante na fala desses indivíduos é de que dentro do CTG ele é legal, permitido, pois faz parte da cultura sul-riograndense. Muitos dizem que ao praticarem os jogos da tradição sentem-se voltando ao passado, revivendo a época campeira.

Diante disso fica visível que o Seiva Nativa se constitui num local onde diversas pessoas encontram um “canto” para vivenciar de forma prazerosa a sua cultura, a sua identidade e o quanto isso é importante em suas vidas.

Esses aspectos nos mostram o quanto às práticas de lazer realizadas em tempo livre, por diversos grupos sociais, vistas por um olhar cultural, podem ser encaradas também como um importante espaço de educação, onde as crianças aprendem através de brincadeiras, do lúdico, de atividades que lhes tragam alegria e prazer ao realizá-las.

Sei que teria muito mais aspectos a serem investigados nessa cultura, pois as atividades tradicionalistas vão muito além das estudadas nessa pesquisa, teria ainda as atividades chamadas campeiras, como as praticadas com cavalos, porém se tornaria um trabalho muito superficial em virtude do pouco tempo que tive disponível para a realização deste trabalho. Estudar um universo desses, com toda sua simbologia própria e vários campos de estudo, deixa o pesquisador com uma sensação não propriamente de um serviço inacabado, mas de um serviço temporariamente em espera, para mais tarde retornar e terminar o serviço. É assim que me sinto com relação a este estudo, com uma sensação de que posteriormente retomarei a pesquisa para poder então acabá-lo.

Referências

CAILLOIS, Roger. **Os jogos e os homens**. Lisboa: Portugal, 1990

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1973. 333 p.

ELIAS, Norbert ; DUNNING, Eric. **A Busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992. 421 p.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989. 323 p.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens** – o jogo como elemento da cultura. São Paulo. Perspectiva. 1980. 243 p.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura um conceito antropológico**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 1986. 113 p.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no pedaço**: cultura popular e lazer na cidade. São Paulo: Brasiliense, 1984. 198 p.

NEGRINE, Airton. Instrumentos de coletas de informações na pesquisa qualitativa. **A pesquisa qualitativa na Educação Física** - Alternativas metodológicas. Porto Alegre, UFRGS, p. 61-94, 1999.

NETO, Vicente Molina. Etnografia: uma opção metodológica para alguns problemas de investigação no âmbito da Educação Física. **A pesquisa qualitativa na Educação Física** – Alternativas metodológicas. Porto Alegre, UFRGS, p. 107-140, 1999.

OLIVEN, Ruben George. **A parte e o todo**: a diversidade cultural no Brasil-nação. Petrópolis, Vozes, 1992.

RILLO, Apparicio Silva. **É Macho, Alumiou pra Baixo** - O Jogo do Osso no Rio Grande do Sul. Porto Alegre. Martins Livreiro Editor. 1988

SILVEIRA, Elaine Rosner. “**Casa de homens**” – o jogo do osso e a masculinidade em grupos populares de Porto Alegre. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) Instituto de Filosofia e Ciências Humanas UFRGS, Porto Alegre, agosto/1999. 141 p.

SILVEIRA, Raquel da. Jogo da bocha: a “cachaça” do seu Inácio. **O esporte na cidade** – Estudos etnográficos sobre sociabilidades esportivas em espaços urbanos. Porto Alegre, UFRGS, p. 85-96, 2007.

STIGGER, Marco Paulo. **Esporte, lazer e estilos de vida**: um estudo etnográfico. Campinas: Autores Associados, 2002. 259 p. (Coleção educação física e esportes).

STIGGER, Marco Paulo. **Lazer, cultura e educação**: possíveis articulações. Revista Brasileira de Ciência do Esporte. Campinas, v. 30, n. 2, p. 73-88, jan. 2009

<http://www.mtg.org.br> – Site do Movimento Tradicionalista Gaúcho

<http://www.igt.rs.gov.br> – Site do Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore

Anexo A - Regulamento do MTG para os Esportes

Título I REGULAMENTO DE ESPORTES

Capítulo II DAS MODALIDADES

Seção I **Jogo de Tava**

Art. 3º - Especificação: A Tava é o astrágalo do vacum e divide-se em 4 partes para efeito deste regulamento. OSSO - CHAPA DE BRONZE - CHAPA DE FERRO e PINOS DE FIXAÇÃO.

Parágrafo único - A Chapa de Bronze corresponde a “SORTE” e a Chapa de Ferro, corresponde ao “CULO”.

Art. 4º - Cancha - A Cancha para a prática do jogo da tava, deverá ter as seguintes medidas: de 7 (sete) metros até 9 (nove) metros de raia a raia.

§ 1º - Dentro destas medidas, poderá haver variações de comprimento, de acordo com a Comissão Organizadora do evento.

§ 2º - Picador - Inicia na raia e deverá ter o máximo de 3 (três) metros de comprimento por 2 (dois) metros de largura.

§ 3º - Bacia - Localiza-se dentro do picador e deverá ter 50 cm x 50 cm.

§ 4º - O piso do picador deverá ser de terra molhada (barro).

Art. 5º - PARTICIPANTES: Todos os participantes, deverão estar representando uma Entidade Tradicionalista filiada ao Movimento Tradicionalista Gaúcho.

§ 1º - Os jogos serão disputados na modalidade “TRIO” podendo ser inscrito 1 (um) reserva para cada trio.

§ 2º - Todos concorrerão à premiação individual sendo que para a contagem dos pontos por equipe não valerão os pontos do reserva.

Art. 6º - Contagem de pontos:

I - As jogadas terão os seguintes valores:

SORTE CLAVADA	2 (dois) pontos positivos
SORTE CORRIDA	1 (um) ponto positivo
CULO CLAVADO	2 (dois) pontos negativos
CULO CORRIDO	1 (um) ponto negativo

II - A sorte é “clavada”, quando a tava bater no picador, e tocar o solo, com o cravador se fixando ao solo, deixando o lado inverso do cravador livre. Ficando definida a posição “SORTE”.

III - O culo é “clavado”, quando a tava tocar o solo com a ponta inversa ao cravador, se fixando a este deixando o cravador livre. Ficando definida a posição “CULO”.

IV - Toda e qualquer jogada, que ocorrer diferente das descritas nos incisos “II” e “III”, será considerada “sorte corrida” ou “culo corrido”.

§ 1º - Quando a tava bater fora do picador e der “culo”, valerá os pontos e a jogada.

§ 2º - Quando a tava bater fora do picador e der “sorte”, não valem os pontos, mas valerá a jogada.

§ 3º - Cada jogador terá direito a 10 (dez) tiros de tava, sendo 5 (cinco) em cada extremidade da cancha.

Art. 7º - Fica proibido apostas diretas envolvendo dinheiro ou outros quaisquer valores, em Jogos de Tava promovidos pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho, ou Entidades a ele vinculadas (Filiadas).

Art. 8º - No momento do tiro, o atleta deverá ficar atrás ou, no máximo, com o meio pé em cima da raia, não podendo deslocar-se em direção ao picador do atirador adversário, enquanto a tava não tocar o solo.

Art. 9º - O tempo de intervalo entre uma partida e outra, deverá ser de até 5 (cinco) minutos.

Parágrafo único - O não comparecimento da equipe, no prazo marcado pelos organizadores, implicará na eliminação ou perda dos pontos.

Art. 10 - Os promotores do evento (torneio) deverão apresentar para os competidores, um ou mais pares de tava ferradas, com as quais deve ser disputada a competição.

§ 1º - O atleta somente terá direito à troca de tava (câmbio), quando o seu adversário fizer “sorte”.

§ 2º - Quando o osso (tava) ficar em pé, com as duas pontas no solo, chama-se “jura”, não vale pontos, somente a jogada.

Art. 11 - Uma equipe mesmo não estando completa, número inferior a 3 (três) poderá participar da competição. Concorrendo apenas à premiação individual.

Art. 12 - Todo o atleta que praticar alguma falta, que venha denegrir a competição, ou contribuir para a discórdia entre os participantes, ou ainda dirigir-se a qualquer membro da arbitragem ou organizadores, de maneira desrespeitosa, estará sujeito às seguintes penalidades, de acordo com a gravidade da falta.

§ 1º - São penalidades:

- a) admoestação;
- b) perda de uma ou mais jogadas;
- c) desclassificação individual;
- d) desclassificação da equipe.

§ 2º - Além das punições previstas neste artigo, a representação faltosa ficará sujeita ao Regulamento do Movimento Tradicionalista Gaúcho.

§ 3º - O culo valerá sempre, mesmo que a tava toque o solo fora da raia. A sorte somente terá validade, se a Tava tocar o solo e permanecer dentro dos limites do picador.

Art. 13 - Os casos omissos serão decididos pela Comissão Organizadora do evento, ou por Comissão específica designada pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho.

Anexo B – Roteiro das entrevistas

Nome:

Idade:

Profissão:

Exerce algum cargo dentro do CTG?

Identidade Gaúcha:

1- O que significa ser gaúcho para ti?

2 - O que significa para você ser parte deste CTG?

3 - Como entraste no CTG? Teve participação da família?

4 - Ha quantos tempo participa de atividades tradicionalistas?

5 - Quanto tempo se dedica as atividades tradicionalistas (na semana)?

6 - Quem participa de um CTG?

7 - Que atividades são realizadas no CTG?

8 - Por que escolheste um CTG em vez de outra atividade de lazer?

Sociabilização e lazer:

9 - Que atividades você realiza aqui?

10 - Qual é tua relação com os demais participantes?

11 - Quais são os aspectos que você mais gosta?

12 - Quais são os aspectos que você menos gosta?

13 - O que buscavas quando entraste no CTG?

14 - E o que os jogos significam para ti, os jogos tradicionalistas?

15 – Como é a participação feminina, nos jogos?

16 – Como vocês vêem a relação da participação feminina nos jogos, ainda mais sendo a cultura gaúcha tão dita como machista?

Jogo da tava:

17 - Como começou a jogar tava?

18 - Por quê? Porque a tava?

19 - Quem joga o Jogo da tava?

20 - Que características a pessoa tem que ter para jogar?

21 - Qual é tua relação com o jogo da tava?

22 - O que o jogo significa para ti?

23 – É uma prática que te dá prazer?

24 - Costumas participar de torneios?

Anexo C – Transcrição de uma das entrevistas

Nome: Zezo

Data entrevista: 02/11/2009

Idade: 28 anos

Profissão: Funcionário Público Municipal

Exerce algum cargo dentro do CTG? Fui patrão, hoje sou 1º secretário

Identidade Gaúcha:

1 – O que significa ser gaúcho para ti?

Bom, ser gaúcho pra mim é cultivar toda uma tradição, cultivar toda uma cultura, ser um dos povos ai, no caso o povo mais..., acho eu que dentro do Brasil o mais culto, o mais politizado, não só entrando na questão tradicionalista também, mas o mais desenvolvido, vamos botar assim, não totalmente, óbvio se comparar com a região sudeste e tal, mas é um povo um pouco mais esclarecido das coisas, um povo mais aberto, mais aguerrido, e levando para esta questão do tradicionalismo, o povo que tem a cultura mais forte dentro do Brasil né, que tem uma cultura pra ser cultivada, pra ser valorizada, pra ser né pra ser estudada, enfim. Não é a toa que a gente tem “carioca” ai né, risos, que tem “carioca” cultivando a cultura tradicionalista, então não é só o Carioca no caso, pô, até o ex-vice-presidente da ETC, da Associação das Entidades Tradicionalistas de Canoas, é carioca também da Base, o CTG aqui da Base de Canoas, os cabeça tudo são, a maioria não é daqui, são tudo gente da força armada que normalmente não são daqui tão lá cultivando a nossa cultura, é

um povo que ta ai forte, tem uma cultura forte, tem uma cultura boa que não é só valorizada pela gente, mas valorizada pelo mundo inteiro, ser gaúcho é tudo de bom, risos, fala sério, risos.

2 – O que significa para você ser parte deste CTG?

Bah! Pra mim, fazer parte desse CTG é muito importante, é muito bom. Me criei aqui dentro, e acabei conhecendo muita gente que faz parte do meu círculo de amizades, inclusive conheci minha patroa aqui (risos). Sem contar na influência que esse ambiente, familiar, teve na minha formação como membro da sociedade. É muito bom fazer parte de uma associação familiar, onde todos são parte da tua vida, da tua família. É um ambiente agradável, onde as pessoas se importam umas com as outras, onde a família é essencial pra que o CTG se mantenha. É o único lugar que tu encontra numa festa, num evento enfim, pessoas de todas as idades juntas, fazendo parte daquele momento juntos, desde a criança de colo até o vovô de mais idade, dançando, brincando, rindo. E o mais importante, principalmente pros menores, adquirindo conhecimento, aprendendo cultura, mantendo vivas as raízes culturais do nosso estado, a nossa história, construindo um caráter dentro de um ambiente completamente saudável, repito, familiar. O CTG teve essa importância pra mim e tentamos passar isso pros que vem se chegando.

3 – Como entraste no CTG? Teve participação da família?

Teve participação da família com certeza. Meu irmão que começou toda história: Era um grupo de crianças, orientado pela dona Elza, coordenadora do Centro Social aqui do bairro, na época, 1986. Ela tinha a intenção, e foi bem sucedida, de ocupar o tempo da criançada do bairro com uma atividade produtiva, que fizesse parte da formação dessas crianças. Ela começou a ensinar danças tradicionais pra elas. Meu irmão, junto com os amigos dele, faziam parte desse grupo, que começou a crescer. Os pais, empolgados com toda a história, começaram a se fazer mais presentes e a participar efetivamente do movimento. Então decidiram fundar um CTG, uma vez que tudo ocorria em torno do tradicionalismo. Meu pai foi o primeiro patrão do Seiva Nativa. Eu, inevitavelmente, acabei “enrolado” nessa história toda. Foi muito bom pra mim tudo isso, aprendi muito dentro do movimento tradicionalista e acabei, tempo depois, me tornando patrão dessa entidade, sucedendo meu irmão.

4 – Há quantos tempo participa de atividades tradicionalistas?

Bah, desde 86 mais ou menos tinha ai 5, 6 anos de idade, a gente começou a participar. O Eduardo, o Edu que começou a participar e puxou a gente e a gente ta ai até hoje, risos, faz muito tempo, meu Deus do céu, mais ou menos por ai.

5 – Quanto tempo se dedica as atividades tradicionalistas (na semana)?

Me dedico um bom tempo por semana: 3 horas de ensaio de dança da invernada artística, mais umas 3 horas de treinamento da tava, jogo de truco, 1 hora de ensaio do Agrupamento Biriva, ensaios da invernada mirim, da xirú, fora os eventos, reuniões, torneios de esporte, cavalgadas, essas coisas... bastante tempo, é uma dedicação muito grande pro movimento tradicionalista.

6 – Quem participa de um CTG?

Todo mundo que quiser participar. Não temos distinção de sexo, credo, etnia, classe social, idade, opção sexual... Quanto mais pessoas participando, melhor pro CTG, mais o CTG fica forte, com representatividade, mais vamos cultivando nossa cultura. Como disse, é um ambiente familiar, onde as pessoas que participam, se tornam uma família mesmo.

7 – Que atividades são realizadas no CTG?

São diversas atividades. Temos que lidar com um grupo grande, onde cada um tem sua preferência. Basicamente o CTG é dividido em 4 ramos: artística, campeira, esportiva e cultural.

Na parte artística nós temos as invernadas de danças, que são grupos que estudam e dançam as danças tradicionais, pesquisadas e disseminadas no movimento. Daí temos a invernada mirim, com as crianças, a juvenil, com os adolescentes. A invernada juvenil serve mais como uma fase de transição, onde as crianças estão deixando de ser crianças para se tornarem adultos e, nessa fase, se preparam pra entrar na invernada adulta. Então temos também a invernada adulta e depois a invernada xirú, que são os mais... experientes, risos. A mirim é importante pro CTG porque eles que trazem a família: a mãe, o pai, a vó, o vô, o tio... todos querem ver a criança pilchada, dançando, fazendo cultura... é um orgulho pra família e é imprescindível a família junto. A invernada adulta já é o “cartão de visita” do CTG,

são aqueles que são mais exigidos, que tem que fazer bonito, que tem que levar o CTG pra rua pra encantar as pessoas.

Ainda na parte artística, temos a trova, o canto, a declamação, a poesia, a música...

No departamento campeiro se trata de tudo sobre o cavalo: as cavalgadas, as gineteadas, os esportes a cavalo como a prova de rédeas, a estafeta a prova das argolas, tudo isso exigindo da habilidade e do conhecimento que o cavaleiro tem sobre o lombo do cavalo e testando sua destreza. As cavalgadas são mais pra divulgar o CTG, em função de um tema ou somente o nome da entidade mesmo. Se reúne o maior número possível de cavaleiros e se faz um trajeto, passando pelos lugares com maior número de pessoas possível, pra chamar atenção, levar até essas pessoas o nome do CTG ou a importância de um tema.

Na parte esportiva temos o jogo de Truco, Bocha Campeira, a Tava e o Tetarfe. O truco é um jogo de cartas, com baralho espanhol, jogado de duplas, trios ou quartetos. A bocha campeira é parecida com aquela bocha que conhecemos, a sul-americana, jogada numa cancha estreita. Porém a bocha campeira é jogada no campo, com medidas diferentes da quadra, mas com regras parecidas. A Tava é o jogo do osso, que dentro do tradicionalismo é permitido por fazer parte da nossa cultura e por ser proibida as apostas. É só uma competição, sem dinheiro, e nem beber é permitido durante os jogos. E o Tetarfe é um jogo de arremessos do osso, moeda, argola e ferradura, tudo num jogo só.

E o departamento cultural é o responsável por estudar tudo isso e muito mais sobre a cultura tradicionalista pra fornecer pros membros do CTG. Também cuida da parte social, porque faz parte das nossas atividades o trabalho social: ajudar os mais necessitados, arrecadando alimentos, roupas, fazendo apresentações beneficentes, essas coisas.

Acho que é mais ou menos isso. É muita coisa o que fazemos dentro de um CTG, pode ser que tenha me escapado alguma coisa, ou ter tido carência na explicação de outra.

8 – Por que escolheste um CTG em vez de outra atividade de lazer?

Influência da família, como disse antes; o prazer de fazer alguma coisa produtiva que exercite o raciocínio; o prazer de trabalhar com a sociedade, com as pessoas; o prazer de transmitir cultura e conhecimento, adquirir cultura e conhecimento; o bem

estar de estar com a família... enfim, o prazer de ocupar o tempo com uma coisa útil e que faz bem.

Sociabilização e lazer:

9 – Que atividades você realiza aqui?

Eu faço parte da patronagem do CTG, que é a diretoria, auxílio na organização dos eventos (bailes, torneios esportivos, cavalgadas...), danço as danças tradicionais, tanto as de invernada e as tropeiras, jogo Truco e Tava, e participo das cavalgadas.

10 – Qual é tua relação com os demais participantes?

Ah! É um relacionamento muito tranquilo. Me dou bem com todo mundo, gosto de todos. Existe muito respeito, muita solidariedade. A gente procura estar sempre rindo, sempre brincando um com o outro, deixando eventuais risgas de lado, porque, como toda a família, vez ou outra existe um desentendimento, claro. É muito bom mesmo, aquela coisa que volto a dizer de integração, não tenho meia palavra pra ninguém, com o pessoal das outras entidades que a gente conhece também é tudo bem tranquilo, a gente se vê na rua, a gente se cumprimenta, brinca, fala bobagem, se tem oportunidade de dançar, de jogar a gente tá dançando, tá jogando, tá brincando, a relação é tri amigável assim, mesmo até porque o movimento ele pressupõe isso assim, de família assim mesmo. Procuo passar o que eu tenho a mais de conhecimento pra aquele que possui um pouco menos, bem como procuro receber um pouco mais daqueles que possuem mais que eu. É muito bom fazer parte disso aqui.

Ah! muito importante: conheci a “patroa” aqui dentro, tive uma excelente relação com essa participante.. risos

11 – Quais são os aspectos que você mais gosta?

As amizades, a cultura, o ambiente familiar, a colaboração para que o CTG vá pra frente, as festas, a semana Farroupilha, as confraternizações... ah! tanta coisa... sorriso

12 – Quais são os aspectos que você menos gosta?

A inveja, às vezes atrapalha um pouco. Quando as coisas vão bem, sempre tem aquele que inveja tudo isso, que só olha as coisas que dão erradas, que critica muito, mas ajuda pouco. Mas isso é normal em qualquer grupo de pessoas que possui alguma convivência. A gente ignora e “toca o barco” pra frente, fazer o que?

13 – O que buscavas quando entraste no CTG?

Quando eu entrei no CTG, eu era muito guri, então não posso te afirmar que buscava alguma coisa. Entrei porque a minha família estava envolvida com isso tudo. Enfim, era muito piá pra pensar em objetivos dentro do movimento tradicionalista. Mas acabei gostando do ambiente, fiz muitos amigos, tinham muitas crianças da minha idade na época, foi muito agradável. Claro que depois, que tu tá dentro, que tu vai amadurecendo, os objetivos começam a aparecer. Com o tempo comecei a querer fazer parte da administração da entidade e acabei conseguindo ser patrão dela, e atualmente faço parte da patronagem. Queria e quero sempre adquirir muito conhecimento, muita cultura, poder conhecer bem as tradições do nosso povo, aperfeiçoar as danças, os jogos, e poder passar tudo isso pra o maior número de pessoas que eu puder, poder instruir, fazer as pessoas entenderem o que a gente faz, o porquê usamos bombachas. A gente tem o hábito de sempre dizer que não só queremos formar, criar novos tradicionalistas, mas pelo menos, fazer as pessoas respeitarem o que fazemos, entendendo o que fazemos. É isso: adquirir cultura, conhecimento, educação, respeito, solidariedade, amizade, e disseminar todas essas coisas pra toda a comunidade.

14 – E o que os jogos significam para ti, os jogos tradicionalistas?

Os jogos tradicionalistas, acima de tudo integração, o pessoal ..., todos os jogos não é só a questão da tava, todos os jogos. Tu tá jogando na mesa de um truco, ou tu tá jogando uma tava, os teus adversários estão te ajudando eles não tão ali pra competir, te eliminar de uma vez, ..., tu tá meio indeciso eles já tão te ajudando pra ti jogar bem, até no truco. Ainda mais se tu chega, assim que nem agora, no torneio da semana farroupilha teve dois piá ai, novos, recém começaram era fatal eles tá dando as dicas, o trio adversário tá dando a dica de como eles tem que jogar, então acima de tudo assim os jogos tradicionalistas é integração do pessoal, o pessoal pega junto, tu conhece as pessoas das outras entidades eles te conhecem e sempre que podem tão te ajudando, até teve lá, teve uma semana farroupilha ai que em

função dos jogos tinha um CTG que viva 24 horas dentro do nosso galpão na semana farroupilha, o Bento Gonçalves, praticamente ficava 24 horas lá, só pra jogar truco, jogando truco o tempo inteiro, jogando truco o tempo inteiro, a gente já não agüentava mais, bah risos, terrível, risos.

15 – Como é a participação feminina, nos jogos?

O jogo de bocha, o jogo de truco é bem tranqüilo, participam bastante prendas assim, truco principalmente, truco sempre tem trio com uma prenda jogando, se não tem um trio inteiro de prenda jogando, é bem tranqüilo, parte do princípio que qualquer das atividades esportivas elas podem participar não tem nenhum – ah não, mulher não pode participar – não, qualquer prática esportiva elas podem participar, truco é tranqüilo, bocha é tranqüilo, mas na questão de tava, mesmo que elas possam participar, a gente tem pouco assim, pouca participação delas, elas não se aproximam muito e tal, mas podem participar sem problema nenhum, tendo o indumentário, querem jogar é só jogar.

16 – Como vocês vêem a relação da participação feminina nos jogos, ainda mais sendo a cultura gaúcha tão dita como machista?

A cultura gaúcha não é machista nem aqui nem na china, a cultura tradicionalista, muito pelo contrário valoriza muito a questão da mulher, não sei por que surgiu esta mania, acho só porque ah gauchão é macho, que gauchão é macho nada, não é tão assim também, isso ai é coisa de grosso né, pelo amor de Deus, mas a cultura tradicionalista equivocadamente é tida como machista, mas não é machista, muito pelo contrário, ela valoriza, valoriza muito a questão da mulher, a questão feminina, mulher é, pô prenda é tudo de bom, prenda é todos os elogios que se pode ter para uma mulher é chamar ela de prenda, “minha prenda” é, Arnaldo Jabor fala, tem um texto dele que diz tudo né sobre, e sei la é que se valoriza uma cultura onde se estuda uma história onde cada um tinha o seu papel né, o homem na lida campeira e a mulher mais administrando as coisas da casa e tal e é o que a gente faz hoje, a gente .., qual é o propósito tradicionalista, é estudar uma história, o que acontecia na história, ah os caras iam para o campo e as mulheres ficavam mais em casa, então o que que a gente tem que fazer hoje, deixar as mulheres mais dentro do galpão aquela coisa toda e a gente brincando com faca lá fora, risos, assando churrasco, é com a gente, mas não é por questão de machismo - ah mulher não pode fazer nada,

só os homens tem que fazer – bobagem mulher hoje tem muita liberdade, muito mais liberdade que ha uns anos atrás no tradicionalismo, hoje elas podem fazer tudo que quiserem no tradicionalismo, até usar bombacha, se quiser usar bombacha pode usar, risos, bem tranqüilo.

Jogo da tava:

17 – Como começou a jogar tava?

Bah! Foi bem “sem querer”. A gente foi aqui no município vizinho, em Esteio, participar de um rodeio artístico. O evento estava sendo promovido pelo CTG Quero-quero dali de Esteio mesmo. Chegamos lá, e também estava pra acontecer o torneio de Tava. Me aproximei da cancha e vi dois senhores, já de certa idade, treinando o osso. Fiquei ali olhando até que um deles puxou assunto e perguntou se eu já conhecia o jogo, se já tinha jogado e se eu não queria dar uns arremessos. Não conhecia nada do jogo, nunca tinha pegado um osso na mão, mas aceitei o convite e me arrisquei a treinar com eles ali. Fiquei arremessando e esse senhor sempre do meu lado, me dando todas as dicas. Acabei gostando da coisa e me inscrevi pro torneio. Durante o torneio todo, esse senhor, que também estava competindo, sempre que eu ia jogar, continuava me dando as dicas pra um melhor arremesso. Fui ganhando, fui passando meus adversários até que chegou a hora de eu jogar contra ele. Pensei: agora acabou pra mim, vou tomar um vareio desse “véio” ,risos. Mas acabei ganhando dele também. Fui pra final, ai sim, perdi e fiquei em segundo lugar. Tu vê, pra quem nunca tinha jogado, chegar a vice, é um baita lucro, risos. Depois, conversa vai, conversa vem, esse tal senhor era campeão estadual de tava. Fiquei mais orgulhoso de mim mesmo, risos. Daí pra frente, a tava acabou se agregando às minhas funções tradicionalistas, não tinha outro jeito.

Mas ta aí um exemplo de como é importante o tradicionalismo pra formação de um caráter, como é importante pra sociedade: Um senhor, que mesmo competindo, foi “parceiro” pra ajudar um de seus próprios oponentes a jogar. Isso que é bonito no tradicionalismo, um ta sempre ali pra ajudar o outro, mesmo quando estão competindo, seja no jogo, na dança, na campeira, na poesia... onde for.

18 – Por quê? Porque a tava?

Porque a tava é um jogo tranqüilo. Tranqüilo dentro do tradicionalismo, porque fora, nas canchas clandestinas, que se joga a dinheiro, a coisa deve mudar de figura, não

sei ao certo porque nunca fui, mas imagino que deva ser mais violento. Pelo menos é o que a história conta: ser um jogo violento, onde se apostava até as mulheres. Não é à toa que Simões Lopes Neto escreveu um de seus contos mais famosos com o título sendo “jogo do osso” que retrata muita violência em dada época da nossa história, acerca da tava. Mas no tradicionalismo isso não acontece. No tradicionalismo a tava é permitida, é proibido qualquer tipo de apostas, quiçá em dinheiro, é um momento de entretenimento entre pessoas de diversos CTGs...

Mas como eu disse, conheci a tava sem querer, e acabei gostando de praticá-la. Pra quem olha, é um jogo sem graça: dois indivíduos arremessando um osso pra lá e pra cá, risos. Mas pra que joga é um ótimo entretenimento e que faz tu te relacionar com outras pessoas de outras entidades.

19 – Quem joga o Jogo da tava?

Qualquer pessoa, de qualquer idade, sendo homem ou mulher... quem tiver interesse de jogar e disposição para aprender. Sempre gosto de frisar que o movimento tradicionalista é um ambiente familiar, onde todos podem participar de tudo, independente de sexo, idade, etnia, credo...

20 – Que características a pessoa tem que ter para jogar?

Nada de especial. Conhecer as regras, que não são difíceis, e vontade de jogar. Em competições, tem que ser associado ou dependente de associado de uma entidade tradicionalista e estar devidamente pilchado.

21 – Qual é tua relação com o jogo ta tava?

Ah...desde que eu tive o contato com o jogo, não parei mais de jogar e continuei jogando, óbvio, sempre jogando dentro do movimento tradicionalista, porque fora do movimento a coisa é ilegal né, então a gente não se mete, não quero nem saber, mas dentro do movimento...

É mais ou menos o que acontece com o truço: quando tu senta na mesa e pega o baralho na mão, não larga mais. Com a tava é assim também: pegou o osso uma vez... E me empenhei bastante sobre o jogo. Fiz uma pesquisa pra saber sua origem, pra saber como ele chegou até o RS, pra saber como ele se tornou algo tradicional, como se entranhou na nossa cultura... Certa vez até expus essa pesquisa pros demais membros do CTG. Tu vê: um jogo que surgiu na Grécia

antiga, antes de Cristo, jogado na época com ossos de carneiro, em função do grande consumo da carne de carneiro na região, chamado Astrálogo, passou pelas conquistas de Alexandre o Grande, entrou na América Latina e parou aqui no estado, entrando através da bacia do Prata, fazendo parte da nossa história. É um jogo por demais antigo que devemos manter vivo na nossa cultura.

Hoje jogo uma ou duas vezes por semana, normalmente nos fins de semana. Sempre dedico uma parte do meu tempo pra treinar um pouco e aperfeiçoar as técnicas de arremessos: meia volta, uma volta, volta e meia, pra clavar o maior número de vezes possível. É um jogo muito cativante, pra mim foi, pelo menos.

22 – O que o jogo significa para ti?

Um momento de lazer, mesmo em competição. Um momento em que me entretenho, que me relaciono com as pessoas, que brinco... É um jogo que me fez conhecer e me empenhar em pesquisar sobre mais uma parte da cultura do Rio Grande, do nosso povo.

23 – É uma prática que te dá prazer?

Ah eu gosto um monte, até pra olhar é uma coisa tri monótona, quem olha assim acha uma coisa monótona, os caras ficar arremessando o osso de um lado pro outro, mas jogando não, jogando o cara se entrete tranquilo, é bom, risos, mas então minha relação é isso, sempre que posso me aprimorar na tava, que é um dos esportes que eu gosto, assim como truco que eu gosto bastante também, eu me aprimoro, aqui no Seiva mesmo a gente tem torneio e é eu quem encabeço com o pessoal do Alma pra ajeitar as coisas, fazer as coisas, tamos ai, mas comecei assim do nada.

24 – Costumas participar de torneios?

Sim. Sempre que posso participo de torneios. Na Semana Farroupilha aqui em Canoas, é certo que to dentro da cancha dando uns arremessos, risos.

Anexo D – Termo de consentimento livre e esclarecido

Este documento tem como objetivo solicitar o seu consentimento em participar da pesquisa, que está sendo realizada para a monografia de conclusão de curso em educação física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pela aluna Rose Bergmann Goulart orientada pelo prof. Dr. Marco Paulo Stigger, como requisito para sua colação de grau. O objetivo geral deste trabalho é tentar compreender qual o significado, para os integrantes do CTG, participarem de suas atividades, entender a relação entre o lazer e a identidade neste contexto. A pessoa que concordar em fazer parte deste estudo deverá conceder uma entrevista semi-estruturada, que após a realização da mesma, será transcrita e analisada pela pesquisadora. É importante ressaltar que a entrevista a ser realizada não representará nenhum tipo de risco e/ou desconforto, pois você somente terá que responder as perguntas que foram elaboradas pela pesquisadora. A pesquisadora envolvida neste estudo tratará sua identidade com sigilo, os dados serão confidenciais, e se compromete a disponibilizar os resultados da referida pesquisa, tão logo esteja publicada. Você é livre para recusar-se a participar ou retirar seu consentimento a qualquer momento do processo de pesquisa, e sua participação não implicará nenhum custo econômico.

Qualquer informação sobre o trabalho realizado pode ser obtida entrando em contato com Rose Bergmann Goulart, pesquisadora responsável pelo estudo, no telefone (51) 93297291 e (51) 32642752, ou ainda pelo e-mail rose_berg@hotmail.com.

DECLARAÇÃO DO PARTICIPANTE DO ESTUDO:

Eu, _____, fui informado dos objetivos da pesquisa, de maneira clara e detalhada, tendo tempo para ler e pensar sobre a informação contida no Termo de Consentimento antes de participar do estudo. Recebi informação a respeito dos procedimentos realizados, pude esclarecer minhas dúvidas e concordei voluntariamente em participar deste estudo. Declaro que recebi cópia do presente Termo de Consentimento.

Assinatura do participante: _____

Assinatura da Pesquisadora: _____

Pesquisador responsável: Graduanda Rose Bergmann Goulart

Anexo E - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido Assinado

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

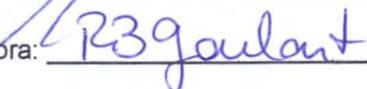
Este documento tem como objetivo solicitar o seu consentimento em participar da pesquisa, que está sendo realizada para a monografia de conclusão de curso em educação física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pela aluna Rose Bergmann Goulart orientada pelo prof. Dr. Marco Paulo Stigger, como requisito para sua colação de grau. O objetivo geral deste trabalho é tentar compreender qual o significado, para os integrantes do CTG, participarem de suas atividades, entender a relação entre o lazer e a identidade neste contexto. A pessoa que concordar em fazer parte deste estudo deverá conceder uma entrevista semi-estruturada, que após a realização da mesma, será transcrita e analisada pela pesquisadora. É importante ressaltar que a entrevista a ser realizada não representará nenhum tipo de risco e/ou desconforto, pois você somente terá que responder as perguntas que foram elaboradas pela pesquisadora. A pesquisadora envolvida neste estudo tratará sua identidade com sigilo, os dados serão confidenciais, e se compromete a disponibilizar os resultados da referida pesquisa, tão logo esteja publicada. Você é livre para recusar-se a participar ou retirar seu consentimento a qualquer momento do processo de pesquisa, e sua participação não implicará nenhum custo econômico.

Qualquer informação sobre o trabalho realizado pode ser obtida entrando em contato com Rose Bergmann Goulart, pesquisadora responsável pelo estudo, no telefone (51) 93297291 e (51) 32642752, ou ainda pelo e-mail rose_berg@hotmail.com.

DECLARAÇÃO DO PARTICIPANTE DO ESTUDO:

Eu, EDUARDO SCHMIDT MACEDO, fui informado dos objetivos da pesquisa, de maneira clara e detalhada, tendo tempo para ler e pensar sobre a informação contida no Termo de Consentimento antes de participar do estudo. Recebi informação a respeito dos procedimentos realizados, pude esclarecer minhas dúvidas e concordei voluntariamente em participar deste estudo. Declaro que recebi cópia do presente Termo de Consentimento.

Assinatura do participante: 

Assinatura da Pesquisadora: 

Pesquisador responsável: Graduada Rose Bergmann Goulart